

DIAGNÓSTICO REALISTA OU PESSIMISTA? ASPECTOS INTRODUTÓRIOS DO CAPITALISMO TARDIO NO “O HOMEM UNIDIMENSIONAL” DE HERBERT MARCUSE

John Karley de Sousa Aquino¹

RESUMO: Na década de 60 a teoria crítica do filósofo Herbert Marcuse tornou-se a referência teórica do fenômeno político heterogêneo chamado *new left*, estranhamente passado esse sucesso instantâneo nas décadas de 60 e 70, o pensamento de Marcuse caiu no esquecimento. O presente artigo visa realizar uma leitura da introdução da obra *Ideologia da sociedade Industrial* de Herbert Marcuse, obra essa que foi novamente traduzida para o português.

PALAVRAS – CHAVE: Marcuse; Teoria Crítica; Ideologia da sociedade industrial;

ABSTRACT: In the Decade of 60 critical theory of philosopher Herbert Marcuse became the theoretical reference of the heterogeneous political phenomenon called new left, strangely after that instant success in the decades of 60 and 70, the thought of Marcuse fell into oblivion. This article aims to perform a reading of the introduction of the Industrial society Ideology work of Herbert Marcuse, work which was translated into Portuguese.

KEY-WORDS: Marcuse; Critical Theory; Ideology of Industrial Society;

¹Mestrando em Filosofia da Universidade Federal do Ceará/UFC. Bolsista/Capes, membro do GP Atualidade do pensamento político de Marcuse/UECE e do GP Dialética e Teoria Crítica/UECE. johnksousa@gmail.com

Introdução

O presente artigo tem como objetivo comentar a introdução a *O homem Unidimensional: Estudos da Sociedade Industrial Avançada* do filósofo Herbert Marcuse (1898-1978). Recentemente (nesse ano de 2015) a obra em questão foi traduzida novamente para o português pelos professores Robespierre de Oliveira, Rafael Cordeiro da Silva e Deborah Christina Antunes, e conta com uma introdução do estudioso de Marcuse nos Estados Unidos, o professor Douglas Kellner. Essa obra, que foi um *best-seller* na década de 60, constitui uma severa crítica teórica a chamada “sociedade industrial avançada”, marcada pela unidimensionalidade social e linguística. Consideramos que a obra citada permanece atual em nosso contexto histórico atual.

Se na época de sua publicação, em 1964, o contexto histórico era de guerras, revoluções e golpes de estado (inclusive o golpe civil-militar de 1964 no Brasil), além da guerra do Vietnã (1964 foi o ano de declaração formal de guerra dos Estados Unidos ao Vietnã do norte), que parecia indicar que a utopia seria realizável e estava para ser realizada (em 1959 a revolução Cubana foi vitoriosa na ilha próxima a Miami), Marcuse realizaria um diagnóstico aparentemente pessimista sobre a situação: a sociedade industrial avançada é uma sociedade que tende rapidamente a tornar-se uma sociedade da administração total, sem espaço para posições críticas ao *stabilishment* e que exacerba a positividade e cancela (ou pretende cancelar) a negatividade no interior do sistema, de modo a considerar irracional toda tentativa de romper com o *status quo*, sociedade essa que declara repetidamente o mantra “não há alternativa” (*There is no alternative*). Essas críticas se estendem tanto ao capitalismo norte americano e da Europa Ocidental, quanto aos países do Leste Europeu e a URSS, ou seja, tanto a direita quanto à esquerda ossificada e burocrática (o que levou alguns comentadores a classificar Marcuse de um autor refratário²).

Nossa questão é: Qual o diagnóstico de Herbert Marcuse sobre a sociedade industrial avançada, realista ou pessimista? Nosso objetivo é desfazer determinados preconceitos sobre a crítica social e cultural de Marcuse, em geral entendida como pessimista, em que Marcuse concluiria que não há expectativas e que o contexto seria desesperador e, portanto de constatação e resignação. Tentaremos demonstrar que essa perspectiva é falsa, e que a

² Vide o texto do professor Jorge Coelho Soares sobre Herbert Marcuse na revista *Cult*, em <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/o-filosofo-refratario/>

avaliação de Marcuse é dialética, descreve a realidade, desvenda possibilidades e prescreve alternativas viáveis.

Limitamo-nos a sintetizar os pontos-chaves da introdução dessa obra de Herbert Marcuse, esperamos que nosso escrito sirva tanto para despertar o interesse no autor em questão, como para reacender um debate à esquerda do contexto histórico atual, por um viés marxista não-ortodoxo.

1. Administração, dominação e superação (*Aufhebung*)

O fenômeno da administração racional da dominação é objeto de estudo de diversos autores da *Escola de Frankfurt* e em Marcuse esse fenômeno tem uma atenção especial por parte do mesmo. Nos escritos de Marcuse desde a década de 30 existe uma tentativa de indicar os diversos meios de otimização da dominação, desde a conversão da sociabilidade liberal em totalitária, até o fenômeno da introjeção pelo qual os oprimidos internalizam a opressão no inconsciente. A teoria global do fenômeno da dominação racioanalizada nas sociedades industriais avançadas não se limita a constatar fatos, mas a expor a essência desse fenômeno e busca a partir da compreensão dos fatos possibilidade para sua superação (DORIA, 1983, p.233-234). Em *One-dimensional man* o realismo (que parece pessimismo) de Marcuse é acompanhadas de suas, sempre presentes, expectativas utópicas.

A mesma racionalidade administrativa, gerência científica e desenvolvimento industrial em excesso contém em si a possibilidade do seu contrário, isto é, as próprias produções da sociedade industrial avançada produzem as condições de uma sociabilidade alternativa,

O desenvolvimento das indústrias tem características verdadeiramente revolucionárias (...), portanto, enquanto de um lado a tecnologia deve ser desenvolvida para atender às necessidades cada vez maiores do estado e seus habitantes, por outro lado essa industrialização extrema deve ser contida pelas 'instituições', tentando, mais ou menos inconscientemente, bloquear a consequência última da tecnologia, a liberdade (DORIA, 1983, p. 236).

A racionalização da administração das coisas (e não dos homens), a otimização da produção para atender as necessidades básicas de todos e a produção de riqueza suficiente para superar definitivamente a escassez, assim como a utilização racional da tecnologia para diminuir o máximo de tempo de trabalho socialmente necessário, são possibilidade reais que o *status quo* luta para impedir sua realização, pois é devido a não-realização dessas

possibilidades que os dominadores permanecem dominados, é a repressão incessante da possibilidade de outra sociabilidade que garante a manutenção do *stabilishment*.

Nossa pesquisa visa contribuir expondo de forma sintética (de modo que não esgota as teses do autor, mas apenas introduz como indica o título) a perspectiva de Herbert Marcuse sobre a organização política e administrativa das relações de dominação da sociedade industrial avançada ou do capitalismo tardio. Temos a pretensão de demonstrar que apesar das conclusões que não dão motivos para otimismo, as teses de Marcuse não são catastróficas, mas uma análise compreensiva da sociedade capitalista atual e de suas possibilidades internas de superação. Sigamos adiante com nossa exposição.

2.Sociedade da Administração Total

Apesar da ameaça de uma catástrofe atômica continuar sendo uma possibilidade real, o seu perigo não é tão ameaçador quanto era há meio século no contexto do que foi chamado *Guerra fria*. A possibilidade real de destruição total da raça humana era uma ameaça permanente no período que vai da segunda guerra mundial até o final da década de 70. Nesse contexto histórico parecia haver uma disputa pela hegemonia política internacional em que de um lado estava o ocidente capitalista e de outro os países do chamado bloco socialista, e a ameaça de um ataque nuclear era a moeda de troca para impedir um confronto direto (uma guerra quente) que destruísse a humanidade e a natureza. Parecia que os Estados Unidos e a União soviética estavam em permanente estado de tensão e que a causa do perigo de uma ameaça atômica era ou o imperialismo norte-americano ou o totalitarismo soviético. Nesse contexto Herbert Marcuse em 1964 lança a seguinte questão:

A ameaça de uma catástrofe atômica, que poderia exterminar a raça humana, também não serve para proteger as mesmas forças que perpetuam esse perigo? Os esforços por prevenir tal catástrofe ofuscam a busca por suas causas potenciais na sociedade industrial contemporânea (MARCUSE, 2015, p. 31).

O que Marcuse pergunta é: até que ponto a ameaça de uma catástrofe atômica não era uma condição vantajosa tanto para os norte-americanos quanto para os soviéticos, isto é, para as classes dominantes desses respectivos Estados. A ameaça desse perigo servia como justificativa para a imposição de projetos políticos heterônomos e contrários à pulsão de vida, que serviam primeiramente para a manutenção do *status quo*, de modo tal que “se tentarmos relacionar as causas do perigo ao modo pelo qual a sociedade está organizada e organiza seus membros, nós somos imediatamente confrontados com o fato de que *a sociedade industrial*

avançada se torna mais rica, maior e melhor ao perpetuar o perigo” (grifo nosso) (MARCUSE, 2015, p. 31). A ameaça de um perigo (seja ele uma guerra nuclear, a revolução ou um golpe de Estado) na sociedade industrial avançada serviu (e continua servindo) como justificativa para a imposição de interesses sociais particulares como se fossem interesses universais, como se ou os indivíduos aceitam o projeto sócio-político estabelecido ou o pior pode acontecer, “sob essas circunstâncias, nossos meios de comunicação tem pouca dificuldade de inculcar interesses particulares como se fossem os interesses de todos os homens de bom senso” (MARCUSE, 2015, p. 31). Sob essas circunstâncias as classes dominadas se submetiam sem muita resistência ao projeto político das classes dominantes, fossem elas a burguesia ou os burocratas stalinistas do leste europeu, “nós nos submetemos à produção pacífica dos meios de destruição, ao aperfeiçoamento do desperdício, a ser educados para uma defesa que deforma os defensores e aquilo que defendem” (MARCUSE, 2015, p. 31).

O medo é um elemento de coesão social e por isso a sociedade industrial avançada se baseia na perpetuação do perigo, real ou potencial. O que fundamenta e cimenta a necessidade de dominação é a proteção do inimigo externo e interno, o medo é a base psicológica da sociedade industrial avançada. É a ameaça de uma catástrofe (atômica ou econômica) que justificaria a administração total (*total administration*). Mas ao mesmo tempo “essa é a sociedade que pode oferecer a uma enorme faixa da população nela vivendo, uma faixa largamente majoritária, confortos e satisfações como nunca existiram antes” (DORIA, 1983, p. 234), mais tal possibilidade é contida contrapondo a segurança garantida pela realidade, mais uma vez o medo como cimento social: os dominados têm medo de perder o mínimo de conforto materiais garantido pelo *welfarestate*.

A sociedade industrial avançada é uma sociedade destrutiva, em que a produção gera o seu contrário, a destruição. A produtividade tecnológica tornar-se destrutiva: quando uma cidade é devastada pela guerra significa deverá ser reconstruída o que gerará lucros para a construção civil, para a indústria de aço, do cimento, de máquinas, etc., Além de empregos para desempregados, salários para famílias dos empregados consumirem, em um incessante aquecimento da economia em que todas as partes envolvidas saem ganhando. O *welfarestate* (atualmente o que ainda resta dele após seu desmanche) da Europa e dos EUA (e a pujança das classes dominantes nas sociedades “atrasadas”) é mantida pela exploração incessante dos povos colonizados da periferia do capitalismo. As guerras civis, o tráfico de drogas e de armas (e de pessoas)são negócios lucrativos para os dominantes e permitem uma parte maior

da produção para os administradores da máquina administrativa (gerentes, cientistas, militares, engenheiros, etc.), não por acaso em sua produtividade destrutiva,

As indústrias militares e para-militares possuem importante função no Estado moderno. Isto significa: largos setores da economia se voltam para a produção de armas ou de instrumentos de guerra; muita gente vive das indústrias que se fundamentam na possibilidade da guerra (DORIA, 1983, p. 235).

Quantos empregos seriam perdidos caso a violência urbana fosse erradicada? A segurança privada deixaria de ser uma mercadoria lucrativa, a segurança pública não necessitaria de tantos recursos para contratar policiais (o que causaria desemprego), para comprar armas (o que prejudicaria o comércio de armas) e para comprar viaturas (um rombo na receita das indústrias automobilísticas). O medo, o perigo e a guerra permanente são à base de amplos setores da economia, e seria inviável se desfazer desses problemas na sociedade industrial avançada.

Diante disso Marcuse conclui que mesmo que *ostatus quo* pareça ser a realização da racionalidade, “essa sociedade é irracional como um todo³” (MARCUSE, 2015, p. 31). A sociedade industrial avançada organiza racionalmente a irracionalidade, organiza da melhor maneira possível o que é ruim e prejudicial, “sua produtividade destrói o livre desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas, sua paz é mantida pela constante ameaça de guerra, seu crescimento depende da repressão das reais possibilidades de pacificação da luta pela existência (...)” (MARCUSE, 2015, p. 31).

Mas é essa sociedade ainda dividida entre dominantes e dominados que perpetua a necessidade de labuta, mesmoquando existe a possibilidade da redução da jornada de trabalho ao mínimo e que perpetua a carência quando há produção suficiente para satisfazer todas as necessidades e carências individuais e sociais, que criou todas as condições sociais para uma sociedade alternativa que não seja dividida em classes e que os recursos materiais e humanos sejam usados para tornar a vida melhor e prazerosa ao invés de manter o perigo e o medo, que poderia substituir a concorrência pela solidariedade, “as aptidões (intelectuais e materiais) da sociedade contemporânea são incomensuravelmente maiores do que nunca dantes” (MARCUSE, 1969, p. 14), mas toda essa produção é usada não para a emancipação humana, mas para a manutenção das relações de dominação e de restrição do prazer, “o escopo da dominação da sociedade sobre o indivíduo é incomensuravelmente maior do que antes”

³ “*This society is irrational as a whole*” (MARCUSE, 2002, p. XLI)

(MARCUSE, 2015, p. 32). Mas enquanto as sociedades anteriores a essa (inclusive a do capitalismo clássico) dominavam mediante a repressão física direta, a sociedade industrial avançada domina mediante sua eficiência econômica, pelo padrão de consumo elevado e as facilidades da tecnologia, são essas condições sociais que mantém (mais que a própria violência direta que ainda é a principal forma de dominação nos países periféricos) a harmonia social: a obediência é contemplada com mercadorias que são entregues eficientemente, “nossa sociedade se distingue pela conquista das forças sociais dissidentes mais precisamente pela tecnologia que pelo terror, sobre a dupla base de uma eficiência esmagadora e de um crescente padrão de vida” (MARCUSE, 2015, p. 32).

Qual a posição de Marcuse diante de tal realidade? Marcuse se declara um teórico crítico comprometido com a descrição da realidade e a prescrição de possibilidades contidas no interior dessa sociedade, isto é, Marcuse crítica e aponta alternativas, para Marcuse essa é a função de uma teoria crítica da sociedade, “a investigação das raízes, fatos e o exame de suas alternativas históricas são parte do objetivo de uma teoria crítica da sociedade contemporânea, uma teoria que analisa a sociedade à luz de suas aptidões utilizadas e não utilizadas ou malbaratadas para aprimorar a condição humana” (MARCUSE, 1969, p. 14).

Mas quais os critérios para determinar o que seria ou não seria uma sociedade melhor ou pior? Antes de tudo esses critérios são critérios históricos, pois é a comparação entre a realidade histórica estabelecida e suas alternativas que determinam a possibilidade da avaliação da teoria crítica. Para Marcuse uma sociedade tem que ser avaliada de acordo com suas potencialidades, por exemplo, tendo uma sociedade condições suficientes de garantir moradia e saneamento básico para todos os seus membros, porque não garante? Em síntese, porque uma sociedade não realiza tudo que pode realizar para melhorar a condição humana? “o modo estabelecido de organizar a sociedade é medido em relação a outras formas possíveis, formas que são sustentadas para oferecer melhores chances de aliviar a luta humana pela existência; uma prática histórica específica é medida em relação a suas próprias alternativas históricas” (MARCUSE, 2015, p. 32).

Para Marcuse a descrição é indissociável da avaliação, ou seja, descrever é avaliar. Em um período histórico em que a crítica dos valores é uma palavra de ordem tanto do pós-modernismo quanto da sociologia *behaviorista*, Marcuse declara que a análise sociológica ou filosófica é inseparável do julgamento axiológico, juízo de fato implica um juízo de valor, ou como diz Marcuse, “a análise implica juízo de valor” (MARCUSE, 2015, p. 32). Segundo Marcuse são dois os juízos de valor que toda teoria crítica não pode prescindir, (1) “o juízo de

que a vida humana é digna de ser vivida, ou melhor, pode ser e deve ser feita digna de ser vivida” (MARCUSE, 2015, p. 32), sintetizando, podemos dizer que em uma determinada sociedade podemos viver, viver bem e viver melhor; (2) o juízo de que no interior da realidade estabelecida existem possibilidades não realizadas que se caso sejam realizadas tornariam a vida individual e coletiva melhor. Seja-nos permitido fazer uma longa citação das palavras de Marcuse sobre essa questão, na nossa avaliação, o núcleo de toda a teoria social de Herbert Marcuse, cito,

O juízo de que, em uma dada sociedade, existem possibilidades específicas de melhorar a vida humana e formas e meios específicos de realizar essas possibilidades. A análise crítica deve demonstrar a validade objetiva desses juízos e a demonstração deve proceder em bases empíricas. A sociedade estabelecida tem disponível uma quantidade e qualidade determináveis de recursos intelectuais e materiais. Como esses recursos podem ser usados para o desenvolvimento e satisfação mais favoráveis das necessidades e faculdades dos indivíduos como o mínimo de labuta e miséria? *A teoria social é teoria histórica e a história é o reino de possibilidades no interior do reino da necessidade.* Portanto, dentre os vários modos possíveis e atuais de organizar e utilizar os recursos disponíveis, qual deles oferece maior possibilidade de um desenvolvimento mais favorável?(grifo nosso) (MARCUSE, 2015, p. 32).

A teoria crítica da sociedade diferentemente de uma sociologia analítica que se limita a analisar e descrever a forma estabelecida como a sociedade se organiza, é uma teoria social transcendente, não no sentido metafísico de uma transcendência idealizada, mas transcendência histórica, o que Marcuse denomina de *transcendência empírica* (MARCUSE, 2015, p. 33, nota 1), isto é, mediante a análise da realidade a teoria crítica descobre possibilidades imanentes (no interior da realidade) que transcendem (ultrapassam) a realidade estabelecida. Marcuse entende por transcendência empírica, alternativas sociais que podem ser realizadas, pois a própria realidade criou essas possibilidades, mas que não são realidades, mas potencialidades, i.e., podem ser (e tem que ser), mas ainda não são, “as ‘possibilidades’ devem estar ao alcance da respectiva sociedade; elas devem ser *metasdefiníveis na prática*” (grifo nosso) (MARCUSE, 2015, p. 33). Somente a teoria é capaz de analisar a realidade e verificar as possibilidades reais, transformando essas possibilidades reais em objetivos políticos a serem realizados mediante a práxis política. Aqui Marcuse segue de perto a 11ª tese sobre Feuerbach: “os conceitos teóricos culminam com a transformação social” (MARCUSE, 2015, p. 33). A transformação pressupõe a compreensão e a compreensão é o guia da transformação.

Atualmente todas as condições para a superação do reino da necessidade e passagem para o reino da liberdade existem, todos os pré-requisitos para a emancipação humana estão disponíveis, mas todos os esforços da sociedade industrial avançada são mobilizados contra essa possibilidade real. Nunca as condições foram tão favoráveis para realizar a transformação social, mas nunca pareceu tão difícil realizar essa mesma transformação, nunca as condições foram tão favoráveis e tão desfavoráveis ao mesmo tempo,

A sociedade contemporânea parece ser capaz de conter a mudança social – a mudança qualitativa que estabeleceria instituições essencialmente diferentes, uma nova direção do processo produtivo, novos modos de existência humana. Essa contenção da mudança social é talvez a mais singular realização da sociedade industrial avançada (MARCUSE, 2015, p. 33).

Marcuse denomina forma como a sociedade está organizada (sua superestrutura jurídica, política e administrativa) de sociedade administrada ou “sistema total de administração e coordenação” (MARCUSE, 2015, p. 33). Essa sociedade administra a dominação, a miséria, a carência, a frustração e satisfação permitida, organiza e administra o desperdício e o prejuízo, coordena as contradições sociais na tentativa de conciliar as oposições sem resolvê-las, como a luta de classes que não é solucionada, mas há um incessante esforço de apaziguá-la. Segundo Marcuse a sociedade industrial avançada foi capaz de administrar a contradição capital/trabalho sem resolvê-la.

Nessas condições adversas a teoria e a prática revolucionária se afastam, “não há terreno sobre o qual teoria e prática, pensamento e ação se encontrem. Mesmo a análise mais empírica das alternativas parece especulação irrealista e o compromisso com elas, uma questão de preferência pessoal (ou de grupo)” (MARCUSE, 2015, p. 34).

Esse afastamento da teoria em relação à prática que contrariou os prognósticos do marxismo clássico (para o qual a tendência era que as ideias se materializassem ao se apoderarem das massas) não significou para Marcuse que a teoria devia se encastelar em si mesma distante da prática política, mas pelo contrário, se tornou mais urgente o trabalho teórico de esclarecimento, de realização do trabalho pedagógico de transformação da falsa consciência em verdadeira consciência. Essa é uma tese básica de Marcuse: o *status quo* se esforça para manter os dominados em estado de permanente ignorância, ignorância de suas necessidades reais, em suma, os dominados são incentivados pela indústria cultural a desejar o que os dominantes dizem que tem que ser desejado. É dever do intelectual (e é impossível não pensarmos na imagem do intelectual iluminista propagandeador dos ideais

revolucionários na França) esclarecer e educar os dominados para que esses tenham consciência das suas necessidades verdadeiras, transformando seus desejos em objetivos políticos. Educar a classe dominada para realizar a passagem da classe-em-si a classe-para-si, tomando consciência de classe, cito,

O fato de que a ampla maioria da população aceite e seja levada a aceitar essa sociedade não a torna menos irracional e menos repreensível. *A distinção entre verdadeira e falsa consciência, interesses reais e imediatos é ainda significativa.* Mas essa própria distinção deve ser validada. *Os homens devem chegar a vê-la e encontrar o caminho da falsa consciência para a verdadeira, de seu interesse imediato para o interesse real.* (MARCUSE, 2015, p. 34). (grifo nosso)

Esse esclarecimento, a descoberta das suas verdadeiras necessidades e de que o modo como a sociedade está organizada não pode satisfazer essas necessidades, a transformação dos desejos em pautas políticas (a transformação do desejo de viver melhor em programa político), é uma possibilidade que a sociedade industrial avançada administra de modo a que nunca se realize. A sociedade administrada transforma a insatisfação em conformismo, a recusa em aceitação, a negatividade em positividade. A revolução tem como pressuposto a consciência da necessidade de transformação, pois os dominados só podem realizar a transformação (e somente os explorados podem transformar a sociedade) “se sentirem a necessidade de mudar seu modo de vida, de negar o positivo, de recusar. É precisamente essa necessidade que a sociedade estabelecida administra para reprimir” (MARCUSE, 2015, p. 35). Para realizar a mudança é necessário querer a mudança⁴. A possibilidade de mudança é tão real e tão perigosa que as classes dominantes organizam a máquina administrativa em um permanente estado de contra-revolução: tudo o que pode ser feito para impedir a mudança social será feito e é feito, “na proporção exata em que ela é capaz de ‘distribuir os bens’ em uma escala cada vez maior e usar a conquista científica da natureza para a conquista científica do homem” (MARCUSE, 2015, p. 35).

Acima dissemos que o perigo e o medo são justificativas para a administração total da sociedade, visando manter a realidade inalterável. Mas qual o real do motivo do medo? Medo esse que exige que toda sociedade esteja mobilizada contra a ameaça interna e externa? Para Marcuse “o inimigo contra o qual lutam as grandes potências é, portanto, um inimigo ideológico” (DORIA, 1983, p. 234). A ameaça que mobiliza todo o aparato administrativo e a

⁴Marcuse soa bastante hegeliano nesse ponto ao afirmar a necessidade do progresso na consciência como pressuposto no progresso da realidade.

atenção das classes dominantes da sociedade é uma invenção dos administradores do *status quo*, tanto pode ser o tráfico e o bolivarianismo quanto os “menores infratores” no caso dos países latinos americanos, como pode ser o “terrorismo”, a Rússia ou os imigrantes no caso dos EUA e da Europa Ocidental. Esses inimigos são o alvo da pulsão de morte da sociedade, que cria inimigos ideológicos para desviar o olhar dos dominados dos verdadeiros motivos dos problemas e das crises intermináveis, “luta-se de fato contra um fantasma verbal, contra um fantasma abstrato” (DORIA, 1983, p. 235). Entretanto, qual o motivo das classes dominantes criarem perigos fictícios e perpetuar a sensação de perigo para manter o *status quo* inalterado? “por trás dos fantasmas devemos encontrar alguma coisa sólida, se bem que não diretamente relacionada com a aparência ideológica” (DORIA, 1983, p. 235). O motivo da mobilização permanente, o medo constante, a ameaça do perigo, etc. É a possibilidade de que os dominados se libertem das relações de dominação, “a sociedade luta contra a possibilidade nela contida de sua libertação” (DORIA, 1983, p. 235).

Considerações Finais

Para finalizar gostaria de contrariar a constante acusação da esquerda ortodoxa de que Marcuse é um pessimista e resignado, ao contrário do que pode parecer esse diagnóstico realista de Marcuse sobre a sociedade unidimensional não significa um aviso de que tudo está perdido, sendo Marcuse um teórico *avant la lettre* do mantra neoliberal “não há alternativa”, mas a constatação de que a utopia da emancipação humana é tão real que todas as forças econômicas, estatais e militares da sociedade capitalista se organizam de modo a impedir sua realização, tão real é essa alternativa. Em um epílogo de 1954 ao livro *Razão e Revolução*, Marcuse escreveu,

A ideia de uma forma diferente de razão e liberdade, sonhada tanto pelo idealismo dialético quanto pelo materialismo, ainda parece uma utopia. Mas o triunfo das forças retrogradadas e conservadoras não desmerece a verdade da utopia. A mobilização total da sociedade contra a libertação definitiva do indivíduo, que constitui o conteúdo histórico do presente período, mostra quão real é a possibilidade desta libertação. (MARCUSE, 1978, p. 407).

O aparente pessimismo de Marcuse decorre de seu esforço para demonstrar o desenvolvimento histórico da dominação desde a sociedade antiga (“tempos primevos”) até a sociedade industrial, explicando a dialética da civilização e a possibilidade de superação (*aufhebung*) dessa histórica trágica, pois “revelarmos o fundamento histórico da infelicidade humana é o mesmo que tornar-se possível a aceitação da vida como algo valorizável”

(DORIA, 1983, p. 236). A infelicidade é um fato histórico decorrente das relações de dominação, mas no interior dessa mesma facticidade existem as possibilidade de superação dessa facticidade e a passagem para uma realidade alternativa em que a infelicidade a dominação seja superada pela felicidade material e espiritual e a emancipação, mas essa possibilidade somente pode ser efetivada em um processo político. A luta por *eros*(prazer, gratificação, felicidade, satisfação e gozo) é uma luta política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DORIA, Francisco Antônio. *Marcuse: Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1983.

MARCUSE, Herbert. *Ideologia da Sociedade Industrial*. 3º Edição. Tradução de GiasoneRebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional: Estudos da Ideologia da Sociedade Industrial avançada*. Tradução de Robespierre Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MARCUSE, Herbert. *One-Dimensional Man Studies in the ideology of advanced industrial society*. Second edition. London: Routledge Classics, 2002.